

Um olhar sobre as “Crónicas dum insubmisso” de Helder Martins

A look at the “Chronicles of an unsubmitive” by Helder Martins

Regard sur les “Chroniques d`un insoumis” de Helder Martins

Delmar Maia Gonçalves

Escritor e Presidente do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora - CEMD

“Eu sou a minha singularidade”

Depois da apresentação que fiz do ilustre autor, veterano e herói vivo da luta de libertação nacional de Moçambique, médico, cientista, professor, investigador, ex. ministro, ex. deputado, presidente honorário e fundador da Associação de Médicos Escritores e Artistas de Moçambique (AMEAM) e escritor, o moçambicano Helder Martins, na apresentação ocorrida no passado dia 25 de outubro de 2023 na UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa em Lisboa, surgiu o honroso convite do Instituto de Higiene e Medicina Tropical para escrever um texto sobre a sua obra na revista Anais do IHMT. O que muito me apraz.



Um livro de crónicas insubmissas vividas e vivenciadas na primeira pessoa por este filho moçambicano que desertou da marinha de guerra portuguesa para contribuir para a luta da independência dos moçambicanos nesta província que tinha sido, até então, colónia portuguesa e que nos revela o seu percurso admirável e único, a sua faceta de exímio cronista e contador de histórias da história e que se constituem como verdadeiros subsídios para a História de Moçambique e também de África. E que, indubitável e objetivamente,

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.466>



serão um dia reescritas. Na verdade, uma arte que sem sombra de dúvidas não é para todos, esta de escrever crónicas com um peso maior.

Quando Helder Martins disponibilizou breves notas de enquadramento de cada texto, demonstrou uma atitude profundamente didático-pedagógica para a multiplicidade de leitores e demais interessados. Tendo também criado dois critérios para organizar o seu acervo de documentos, usando o cronológico e o temático e ainda combinando-os para facilitar os caminhos da sua leitura e percepção. Nestas “Crónicas dum insubmisso” os temas foram alinhados de forma metódica com um valioso e vasto índice.

Cronicando também se retratou elementos identitários soltos de uma realidade que na primeira pessoa o autor testemunhou e viveu. Sempre atento aos detalhes e pormenores, partilhou um período e um contexto histórico apaixonante, conturbado e único de que foi espectador e protagonista ativo. Depois, usou a técnica de avivar a memória confrontando as suas recordações com os depoimentos dos outros protagonistas, contemporâneos seus e companheiros da luta e da época.



Estas crónicas memorialísticas históricas que nos enredam e envolvem de forma pujante no cenário quente e apaixonante dos processos de luta de libertação anti-colonial dos povos africanos de Moçambique desde 1964 e também de Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde e São Tomé e Príncipe contra o regime fascista de António de Oliveira Salazar.

Página a página desfilam figuras como Marcelino dos Santos (sem dúvida o mais destacado e muito justamente pelo autor, diga-se de passagem), Eduardo Mondlane (o arquiteto da unidade nacional), Janet Mondlane, sua esposa, Samora Machel, Joaquim Chissano, Mário Machungo, Óscar Monteiro, Armando Guebuza, Paulo Samuel Kankhomba, Sansão Muthemba, Fanuel Mahlusa, Fernando Ganhão, Orlando Mendes, Sérgio Vieira, Alberto Chipande, José Moiane, Raimundo Pachinuapa, Bonifácio Gruveta, Osvaldo Tazama, Josina Muthemba depois Machel, Fernando Matavele, João Munguambe, Jaime Sigaúke, Lopes Tembe, Paulo Gumane, Silvério Nungo, David Mabunda, Celina Simango, Uria Simango, Lázaro Nkavandame e Padre Mateus Gwendjere entre outros moçambicanos revolucionários e contra-revolucionários e alguns reacionários portugueses e moçambicanos.

África revive, Moçambique revive, a África Austral revive, os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) revivem, o CES (Casa dos Estudantes do

Império) revive, o CEA (Centro de Estudos Africanos) revive, o Instituto Moçambicano revive e a humanidade ganha novos contornos, novos tons, novas cores que sacralizam o arco-íris do humanismo revitalizando a força dos humanistas do mundo. Depois, houve esta forma feliz, simples, descomplexada, livre e progressista de contar, recontar, sussurrar e cantar sabiamente as memórias históricas do colonialismo português e o seu desfile de injustiças e do processo de luta que conduziu este jovem país, já com 48 anos, à independência nacional alcançada em 25 de junho de 1975 sob a direção da unitária FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique).

E o prazer da leitura cúmplice e intimista com o autor, personagem protagonista, nasce, renasce e cresce. Cresce como a baobá da independência, refrescando-nos as memórias históricas e sociais das ligações de Portugal e

Moçambique, de Portugal e África e interafricanos, sendo digno de um experimentado cronista que desnuda a sua singular cumplicidade com grandes figuras da história de Moçambique e de África, a maioria delas, membros fundadores e da primeira hora dos partidos e fações que decidiram fundir-se e unir-se num único objetivo formando o movimento independentista FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) em 1962.

Congratulo-me, pois, com este magnífico livro que nos faz reviver um período quente e complexo da história moçambicana com “estórias” da sua história. Não deixa, portanto, de ser também uma enorme honra e um privilégio deixar assim neste texto uma palavra de apreço fraterno e com estima a este “irmão índico” mais velho, mais sábio, soba, imbondeiro que deixa afinal mais um contributo e legado ao mundo, aos jovens e às futuras gerações de moçambicanos pelo fortalecimento e defesa da identidade moçambicana e a reafirmação da independência da República de Moçambique.

Estou certo estas “Crónicas dum insubmisso” serão uma fonte de inspiração para os jovens e futuras gerações de moçambicanos. Bayete!

Nota dos editores: a obra pode ser adquirida através da Índico Capital, distribuidora do livro em Portugal (Tel: 919207776 | email: paula@indicoholding.com)